

Lições para Hoje de 1 João 4

Maior é aquele que está em vós (4:4)

João assegurou a seus leitores: “maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (4:4b). A mensagem predominante na Bíblia é que Deus é totalmente bom e todo-poderoso. Por entender quem Deus é, o cristão confia que, no fim dos tempos, a bondade triunfará. Deus em seu poder não permitiria outro desfecho. As duas afirmações, de que Deus é totalmente bom e todo-poderoso, sustentam a visão de mundo do cristão.

Céticos e incrédulos argumentam que um exame pragmático das coisas como elas são indica que Deus não pode ser todo-poderoso e totalmente bom. O mal no mundo, o sofrimento dos inocentes e as injustiças sofridas pelos oprimidos indicam que Deus não é totalmente bom ou que não é todo-poderoso. Se Deus fosse bom e poderoso, argumentam os céticos, o mundo seria um lugar melhor. Talvez Deus tenha feito o melhor que pôde com o universo, ou talvez tenha colocado a ordem moral do mundo no curso atual porque queria fazer um experimento ou se divertir. Em ambos os casos, na visão de um cético, se o mundo é o resultado dos atos criativos de Deus, ele não pode ser totalmente bom e todo-poderoso. Os que duvidam formulam perguntas complicadas e acabam sendo ignorados pelos cristãos e abandonados à própria sorte.

Pressionados por esses questionamentos, alguns cristãos recorreram a uma posição entrincheirada junto ao poder soberano de Deus, ao qual a bondade e a justiça de Deus estão presas por uma linha tênue. A Teologia Reformada, popularmente chamada de Calvinismo¹ assume uma posição firme sobre a onipotência

de Deus. Desde a eternidade, segundo alguns teólogos, Deus determinou aqueles que serão salvos. Por sua soberana graça, Deus chama os salvos e lhes concede fé por um dom milagroso. Ele salva e condena de acordo com a sua vontade todo-poderosa e inescrutável. A bondade ou maldade daqueles a quem Deus escolhe nada tem a ver com seus respectivos pensamentos ou comportamentos. Todos pecaram. Todos os tipos de pecado condenam igualmente os infratores. O chamado do Senhor não envolve mérito humano. Primeira João 4:4, segundo os comentaristas, reforça o senhorio soberano de Deus.

Aqueles que rejeitam a visão calvinista apoiam a afirmação de que Deus é todo-poderoso. No entanto, alegam que o poder de Deus não é o único fator determinante para a ordem moral que Deus estabeleceu. O Criador deu aos seres humanos uma liberdade de escolha significativa entre o bem e o mal. Se um Deus todo-poderoso quis criar seres capazes de fazer escolhas significativas pelo bem ou pelo mal, o fato de ser ele todo-poderoso logicamente implica que ele tinha poder para tal. Os calvinistas sustentam que a soberania de Deus é compatível com o livre arbítrio humano. Seus opositores apontam que a crença de que Deus predestinou quem será salvo antes do nascimento exclui a possibilidade de uma liberdade significativa. O livre-arbítrio humano e a predestinação divina são logicamente incompatíveis.

Quando João escreveu: “Maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo” (1 João 4:4), ele estava declarando que a bondade é mais forte que o mal. O crente não precisa temer que um impulso maligno momentâneo o separe para sempre de Deus. A graça de Deus para perdoar em Cristo significa que o perdão é sempre uma possibilidade. Assim

¹ “Calvinismo” recebeu o nome de João Calvino, o reformador franco-suíço do século XVI cujo livro *Institutos da Religião Cristã* teve efeitos profundos no pensamento religioso do mundo cristão ocidental.

como o indivíduo pode optar pelo erro, ele também pode optar pelo arrependimento. Aqueles que optam por não se arrepender, que chafurdam no pecado e o adotam como seu modo de vida, são responsáveis pela própria condenação. O cristão não precisa temer que o pecado o vença enquanto estiver disposto a optar pelo Cristo que nele vive. “Se andarmos na luz”, disse João, “...o sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1:7).

Duane Warden

“Amemo-nos uns aos outros” (4:7–21)

A Epístola de Primeira João enfatiza as certezas da fé cristã. Tanta coisa na vida é incerta que às vezes parece que a única coisa imutável é a própria mudança. No entanto, é bom saber que algumas coisas são certas; são sempre verdadeiras. Entre essas certezas estão estes fatos: os cristãos podem desfrutar da comunhão com o Pai, podem obter a salvação por meio do Filho e podem ter vitória sobre o pecado!

Levemos em conta outra certeza: que precisamos “nos amar uns aos outros” (4:7). Ao longo desta epístola, João enfatizou a importância do amor. Na RA, a palavra amor e seus derivados, na forma de substantivos ou verbos, aparecem cerca de quarenta e seis vezes nessa carta!¹² O amor é especialmente enfatizado no capítulo 4. Em quinze versículos (4:7–21), João usou a palavra “amor” vinte e sete vezes. Ela aparece pelo menos uma vez em todos os versículos desta seção, exceto em três. Embora 4:13–15 não contenha a palavra “amor”, esse trecho está relacionado ao mesmo tema: o amor de Deus pelos cristãos e o amor dos cristãos uns pelos outros.

No capítulo 4, João cumpriu dois propósitos: advertiu contra os falsos ensinos, e depois incentivou os irmãos a se amarem uns aos outros. Esses dois requisitos fornecem uma boa base para agradar a Deus: precisamos ser sãos na doutrina e precisamos nos amar uns aos outros!

Os versículos 1 a 6 contêm uma advertência sobre os falsos mestres. Falsos mestres ou falsos profetas estavam enganando as pessoas ensinando que Jesus Cristo não veio em carne. Eles aparentemente afirmavam estar falando pelo Espírito de Deus, mas não estavam. A mensagem deles diferia daquela que vinha do Espírito de Deus. Por

¹² Salvo indicação em contrário, essas contagens se baseiam no texto grego, usando Accordance XII®, © 2019, OakTree Software.

isso, o espírito pelo qual falavam manifestava o anticristo; eram contra Cristo. Encontraram um público pronto: o “mundo os ouve” (4:5). Os leitores de João não estavam entre aqueles que aceitaram a mensagem desses mestres. Eles podiam saber se um orador era guiado pelo “espírito da verdade” ou pelo “espírito do erro” pelo que ele ensinava.

Depois de advertir contra esses falsos mestres, João retomou um assunto que lhe era valoroso: o amor de Deus por nós e nosso amor uns pelos outros.

A ênfase de João em 4:7–21 é que devemos amar nossos irmãos e irmãs. Ele deu várias razões pelas quais devemos “amar uns aos outros”.

Devemos amar uns aos outros por causa do amor de Deus por nós (4:7–11). O título “Amemo-nos uns aos outros” não está estritamente alinhado com os outros títulos desta série. Eles enfatizam as bênçãos que temos como cristãos; “amemo-nos uns aos outros” diz respeito à nossa responsabilidade. No entanto, o amor é uma bênção. João falou do amor de Deus por nós. O amor de Deus é uma das certezas enfatizadas em 1 João.

“O amor de Deus.” João tinha várias coisas a dizer sobre o amor em sua epístola, e especialmente em 1 João 4; mas ele começou a seção sobre o amor onde começa a história do amor: “Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus” (4:7). João repetiu várias vezes que devemos amar uns aos outros porque Deus nos ama: 1) “Deus é amor” (4:8b; veja 4:16). 2) “Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele” (4:9). 3) “Nisto consiste o amor: não em que nós temhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (4:10; veja 3:1).

A seguir, no clímax de sua exposição, João fez esta declaração: “Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros” (4:11). Mais adiante no capítulo, ele escreveu: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro” (4:19).

A principal motivação dos cristãos para amar uns aos outros, portanto, é ser como Deus. Deus é amor – isto é, uma das características principais de Deus é sua natureza amorosa. Devemos ser como Deus manifestando amor.

“As características do amor de Deus.” Um atributo chave do amor de Deus é que *ele se manifestou* (4:9). Deus não ficou só no céu e nos enviou uma carta comunicando que nos ama. Ele expressou o seu amor por nós não só em palavras, mas também em atos. O Soberano Deus enviou o seu Filho para morrer por nós. João nos admoestou a agir da mesma forma: “Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade” (3:17, 18).

Embora seja ótimo para os cristãos expressar amor pelos irmãos e irmãs em Cristo e cumprimentá-los com um abraço e um “ósculo santo”, maior do que isto é demonstrar amor ajudando uns aos outros. Alguns cristãos que frequentemente pronunciam as palavras “eu te amo” nunca fazem nada para expressar esse amor. Outros, mesmo raramente declarando “eu te amo”, demonstram amor ajudando generosamente seus irmãos.

Se há falta de alimento, eles o providenciam. Se alguém precisa de uma carona, ficam felizes em oferecer seu veículo. Se outro precisa de hospedagem, a casa deles está aberta a estranhos. Se um enlutado, um visitante ou um enfermo precisa de atenção, pode-se contar com a ajuda desses irmãos amorosos. Se alguém precisa de dinheiro, não dizem apenas: “Vá em paz, aqueça-se e farte-se” (Tiago 2:16). Eles não fecham o coração para um amigo cristão numa hora de necessidade (1 João 3:17), mas o ajudam dando dinheiro.

O amor de Deus não foi simplesmente manifestado; ele foi manifestado a este surpreendente ponto: *Deus nos amou a nós e ao mundo de tal maneira, que deu o seu Filho unigênito para morrer por nós e pelo mundo*. Precisamos amar nossos irmãos o suficiente para estarmos dispostos a morrer por eles. O versículo 16 diz: “Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a sua vida por nós; e devemos dar nossa vida pelos irmãos”.

No primeiro século, pode ter sido literalmente necessário que os cristãos morressem uns pelos outros. Se tivéssemos vivido naqueles dias, poderíamos estar sujeitos a autoridades que decretaram que os crentes em Cristo deveriam ser mortos, caso não renunciassem ao nome de Jesus. Suponhamos que você foi pego; seus vizinhos deram testemunho de que sabiam, com certeza, que você era cristão. E depois de julgá-lo, o juiz declarou: “Considerado

culpado pelo crime de ser um adorador de Jesus. Está condenado à morte. No entanto, se você nos der os nomes de outros cristãos de sua igreja, nós o perdoaremos. Você terá permissão para viver e poderá continuar a adorar a seu Jesus. É só delatar esses nomes”. O que você teria feito? Cederia os nomes de seus irmãos e irmãs em Cristo para continuar vivo – ou enfrentaria a morte, recusando-se a dizer a seus perseguidores o que eles queriam saber? Naqueles dias, expressar amor pelos irmãos poderia implicar literalmente morrer por eles.

Hoje, em alguns lugares do mundo, esse mesmo cenário é possível. Se formos fiéis ao nosso chamado – se amarmos como Deus amou – devemos estar dispostos a morrer por nossos irmãos!

Além disso, *o amor de Deus se manifestou no ato de Jesus morrer – não pelos piedosos, mas pelos pecadores que não mereciam a salvação*. João disse: “Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados” (4:10). Deus não nos amou porque nós o amávamos muito; ele nos amou apesar de sermos pecadores (veja Romanos 5:8). Ele amou os indignos de serem amados.

Se devemos amar como Deus ama, também devemos estar dispostos a amar o que não é digno de ser amado. Isso pode ser difícil! É fácil amar as pessoas que são amáveis, mas como amar quem as pessoas não amáveis – aquelas que são mal-humoradas, ingratas, que têm características de que não gostamos? Como podemos aprender a amar as pessoas que não respeitam, não amam ou até nem gostam de nós? Como podemos amar nossos inimigos?

Uma resposta a essa pergunta é que o amor bíblico não se refere primariamente a uma emoção. Em vez disso, o amor bíblico é a determinação de fazer o que é melhor para a pessoa amada. Como exemplo, podemos pensar nas pessoas da igreja por quem temos mais dificuldade de sentir afeição. Não importa como nos sentimos em relação a essas pessoas, devemos *amá-las*, no sentido de fazer o que é melhor para elas, tratá-las com bondade e ser pacientes com elas (veja 1 Coríntios 13:4–7).

A principal verdade que devemos lembrar é que o amor por nossos irmãos não é só uma opção; é uma necessidade! João escreveu: “Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros” (1 João 3:11); “Ora, o seu mandamento é este: que creímos em o nome

de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou” (3:23); e “Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão” (4:21). O amor uns pelos outros é um mandamento!³ O amor não é somente algo que *podemos* fazer; é algo que *devemos* fazer!

Devemos amar uns aos outros porque se o fizermos, Deus permanecerá em nós (4:12–16). A comunhão com Deus – “permanecemos nele e ele em nós” – é o objetivo principal da vida cristã. Como podemos ter certeza de que temos essa comunhão? De acordo com esses versículos, podemos ter certeza de que temos essa comunhão por estas razões: amamos uns aos outros (4:12); Deus nos deu o seu Espírito (4:13); cremos no testemunho dos apóstolos e confessamos que Jesus é o Filho de Deus (4:14, 15) e conhecemos o amor que Deus tem por nós (4:16).

Uma maneira de constatarmos que estamos permanecendo em Deus e ele em nós é nos amando uns aos outros. Se, portanto, não amamos nossos irmãos e irmãs em Cristo, não temos comunhão com Deus!

Devemos amar uns aos outros porque o amor gera confiança (4:17, 18). A maioria das pessoas, sabendo que o Dia do Juízo Final está chegando, costuma temer esse dia. No entanto, João disse que não há por que temer. Ele disse que podemos, “no dia do Juízo, manter a confiança” (4:17) e acrescentou: “No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo” (4:18a).

O que é esse “perfeito amor” que lança fora o medo e nos dá confiança para enfrentar o Dia do Juízo? É o amor que é “aperfeiçado” (4:17; veja 2:5). Quando amamos uns aos outros, “o amor [de Deus] é, em nós, aperfeiçado” (4:12). A ideia de ser “aperfeiçado” equivale à de se tornar “completo”. João estava dizendo que o amor de Deus se completa quando nos tornamos cristãos amorosos.

Talvez pudéssemos comparar os procedimentos de Deus para com o homem em amor com a tentativa de um pai ao treinar seus filhos para serem amorosos. Podemos ensinar verbalmente nossos filhos a amar os outros, a serem bons e gentis. Podemos reforçar nosso ensino recompensando-os quando são bons para os outros e punindo-os se maltratarem os outros. Podemos procurar incorporar a característica da benevolência em nossas

próprias vidas, tentando ensinar aos nossos filhos pelo exemplo o que significa ser amoroso. Apesar de tudo isto, nossa tarefa não estará completa. O nosso trabalho só estará completo quando realmente virmos nossos filhos mostrando amor aos outros por iniciativa própria. Quando virmos isso, então poderemos sentir alguma satisfação e dizer: “Meu amor por eles foi aperfeiçado [ou está completo]”. De modo semelhante, Deus sem dúvida fica satisfeito, em certo sentido, quando vê que o seu amor por nós deu frutos em nossas vidas pela maneira como demonstramos amor pelos outros.

Se, porém, não nos amarmos uns aos outros, então o amor de Deus não será aperfeiçado em nós. Estará incompleto, sem realizar o que Deus idealizou.

Devemos amar uns aos outros porque amamos a Deus (4:19–21). Nossa primeira reação ao amor de Deus deve ser amar reciprocamente a Deus. Assim como João enfatizou o amor de Deus por nós, ele também se referiu ao nosso amor por ele. João falou daqueles que diziam da boca para fora: “Amo a Deus” (4:20), como se os cristãos daquela época geralmente afirmassem seu amor pelo Pai (veja também 2:15; 4:10; 4:21; 5:1–3).

Se amamos a Deus, como devemos tratar nossos irmãos? Analisemos os seguintes fatos: 1) Todos os seres humanos são feitos à imagem de Deus. 2) Deus ama todas as pessoas, incluindo as que não merecem ser amadas. 3) Aqueles que são filhos de Deus são especialmente amados e abençoados por Deus e adquirem características de Deus: “Segundo ele é, também nós somos neste mundo” (4:17). 4) Aqueles que se tornaram cristãos são nossos irmãos e irmãs em Cristo, por quem devemos estar dispostos a morrer (3:16)!

Como, então, alguém poderia alegar: “Amo a Deus”, enquanto odeia seu irmão (4:19, 20)? Posto de outra forma: Não podemos de fato obedecer ao primeiro e maior mandamento – “Amarás o Senhor, teu Deus” – sem obedecer também ao segundo mandamento – “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mateus 22:37–39).

O que fazer? Por causa do amor de Deus por nós e pelos outros, devemos amá-lo; e porque O amamos, devemos amar os outros. João afirmou: “Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão” (1 João 4:21).

Primeira João 4:19–21 rememora as palavras de Jesus em Mateus 23:14, onde o Senhor denunciou a

³ Veja 1 João 2:7–11; 3:11.

hipocrisia dos escribas e fariseus. Maltratavam os pobres, mas ao mesmo tempo se mostravam muito religiosos. Jesus continuou dizendo: "...dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!" (Mateus 23:23). João não estava dizendo algo semelhante? Talvez aqueles irmãos fossem às reuniões da igreja, onde oravam em voz alta e cantavam fervorosamente, proclamando seu grande amor por Deus. No entanto, essa confissão de amor a Deus era em vão se, ao mesmo tempo, maltratavam uns aos outros ou negligenciavam atender às necessidades de seus irmãos! Marque, sublinhe e memorize estas palavras: "aquele que não ama a seu irmão, a quem vê [surpreendendo-lhe as necessidades, ajudando-o], não pode amar a Deus, a quem não vê" (1 João 4:20)! Se "ninguém jamais viu a Deus" (1 João 4:12), como a Bíblia diz que certos indivíduos viram a Deus? Visto que "Deus é espírito" (João 4:24), olhos físicos não podem vê-lo. Todo espírito, por definição, é invisível. Portanto, quando a Bíblia diz que um ser humano viu Deus, ele realmente não viu Deus. Viu uma manifestação de Deus. Nos tempos bíblicos, Deus se manifestou ao homem de várias maneiras – em uma sarça ardente, por exemplo, ou em forma humana. A manifestação não era realmente Deus (que é espírito), mas uma representação de Deus. Stott disse: "As teofanias do Antigo Testamento eram revelações de Deus em disfarce humano; não eram visões de Deus como ele é em si mesmo"⁴.

Conclusão. Os cristãos devem demonstrar amor a Deus amando uns aos outros; e esse amor deve ser manifestado não só em palavras, mas também em ações. Estamos mostrando amor por outros cristãos, pelos irmãos, alterando nossas agendas para ajudá-los e suprir suas necessidades? Se não, qual é o estado de nossas almas?

Coy Roper

Ponto à Prova Líderes Religiosos (4:1–6)

Uma intensa guerra espiritual entre a verdade e o falso ensino tem assolado o mundo desde o início da história humana. Esse conflito subjaz todas as guerras e animosidades mundiais e pessoais. Essa batalha interminável está destinada a se perpetuar implacavelmente até o fim dos tempos.

⁴ John R. W. Stott, 1, 2 e 3 João – Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. Trad. Odayr Olivetti. São Paulo: Ed. Mundo Cristão e Ed. Vida Nova, 1982, p. 105.

No quesito relevância, ela se sobrepõe a todas as demais guerras.

Sinais e evidências desse conflito estão estampados até mesmo nos círculos religiosos. Visões contraditórias sob o rótulo de verdade são apresentadas a respeito de quase todo tipo de assunto. Diferentes vozes estão clamando: "Eu represento a voz de Deus". A confusão, no lugar da clareza, às vezes é promovida até por professores religiosos.

A verdadeira alegria, portanto, envolve a lealdade à verdade e o combate ao erro. Os cristãos do primeiro século tiveram que separar a verdade dos falsos ensinos; todos os cristãos, em todas as épocas, têm a mesma responsabilidade. A aplicação do discernimento nunca será opcional; ela nos é imposta pela constante influência do Maligno.

Em 1 João 4:1–6, João deu aos seus leitores cristãos instruções sobre como discernir mestres fiéis de mestres falsos. Essas instruções propõem um teste ou prova em duas partes para ajudar a distinguir a verdade do erro até hoje, em pleno século XXI.

Como prefácio ao teste, João deu uma ordem dupla. Ele disse: "Não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus" (4:1a). Uma parte da ordem é negativa; a outra é positiva. Não devemos seguir cegamente todo mestre ou professor religioso. Assim como se testa uma moeda para comprovar sua autenticidade, devemos pôr à prova professores ou pregadores para confirmar se realmente estão transmitindo a mensagem de Deus.

O teste da encarnação. A primeira parte do teste consiste em verificar se o pregador ou mestre crê na encarnação de Jesus: "O professor crê na manifestação corpórea do Filho de Deus?" João disse: "Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus" (4:2). A entrada carnal do Filho de Deus no mundo é para o Espírito Santo uma crença inalterável e essencial ao cristianismo.

Negar a vinda física de Jesus é arrancar o coração do plano de redenção de Deus. O Espírito Santo declara esta verdade brevemente, mas com força. Ele combina uma declaração positiva-negativa com uma aplicação histórica. A declaração é contundente e decisiva: "Todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus" (4:2b, 3a). A aplicação é igualmente clara: "este é o espírito do anticristo, a respeito do qual

tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo" (4:3b).

Todo o cristianismo emerge da verdade de que Jesus, o Filho unigênito de Deus, andou sobre esta terra em um corpo humano e foi crucificado para o nosso perdão. Por causa da relevância dessa verdade, havemos de esperar que Satanás a ataque com todas as suas forças. A oposição à vinda encarnada de Cristo é a tentativa manifestada de Satanás de destruir a verdade central do plano redentor de Deus.

João usou o verbo "confessar" para resumir tudo o que está implícito na fé cristã, ou seja representando parte da totalidade da nossa resposta a Jesus. Todos os outros atos de obediência estão implícitos pelo uso dessa palavra.

Hipólito, um escritor cristão primitivo do segundo século, escreveu sobre um herege chamado Cerinto. Cerinto, disse ele, acreditava que Jesus foi um bebê comum nascido de Maria e José. Ao crescer, Jesus tornou-se sábio e forte, maior e mais forte do que todos os outros homens. No seu batismo, Cristo desceu sobre Jesus na forma de uma pomba. A partir dessa hora, Jesus pregou o reino e operou milagres na Pessoa de Cristo. Cerinto também concordou que o Cristo deixou Jesus pouco antes da cruz e não participou dos sofrimentos de Jesus.

Embora existam apenas algumas referências a Cerinto, elas estabelecem que alguns mestres ao fim do primeiro século negaram o nascimento corporal e a vida do Filho de Deus. Uma negação semelhante ocorreu recentemente nos anais da teologia liberal.

Ponha à prova os professores que você ouve no quesito encarnação! Questione todos os ensinamentos religiosos que você recebe: "Esse ensino se baseia na verdade de que Jesus, o Filho de Deus, veio em carne?" Pergunte também: "Esse ensino se desvia da imagem de Jesus retratada nas Escrituras?"

O teste da inspiração. A segunda parte do teste proposto por João é o teste da inspiração. O fiel mestre religioso ouve a Palavra inspirada. João disse: "Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve. Nisto reconhecemos o espírito da verdade e o espírito do erro" (4:6).

Esta seção do teste se divide em mais duas partes: uma palavra de encorajamento para os cristãos e uma palavra de explicação sobre os falsos mestres. Ele disse sobre os cristãos: "Filhinhos, vós sois

de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo" (4:4). O surgimento de falsos mestres não deve nos aterrorizar porque aquele que vive em nossos corações é maior do que o mundo cheio de falsos mestres. Enquanto nos apegarmos a Deus e à sua Palavra, venceremos os falsos ensinos.

A explicação de João sobre os falsos mestres nos lembra que os corações corruptos gravitam para a corrupção. Ele disse: "Eles procedem do mundo; por essa razão, falam da parte do mundo, e o mundo os ouve" (4:5). As pessoas procuram as multidões e as mensagens que seus corações mais apreciam. Como diz o ditado, cada qual com seu igual.

O falso mestre revela suas verdadeiras bandeiras quando confrontado com a mensagem inspirada. João disse: "Nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve" (4:6a). Sempre que ouvir um professor religioso, pergunte: "O que esse professor faz com a mensagem inspirada? Ele a aceita e honra? Ou ele a rejeita?" Homens verdadeiros honram a verdade!

Aceitar que as mensagens da Bíblia são exatas e inequívocas é fundamental para o ensino fiel da Palavra de Deus. Um dia, dois meninos estavam voltando da pesca. Enquanto atravessavam um grande pasto, de repente, ouviram o ruído de um tropel por trás deles. Olhando por cima dos ombros, avistaram um boi furioso vindo ao encontro deles numa nuvem de poeira. Na tentativa de evitar o animal, um dos meninos saltou para dentro de uma grande vala enquanto o outro subiu numa árvore. O menino na árvore relaxou confiante, mas o menino acuado na vala ficou inquieto e inseguro. O da árvore notou que de vez em quando seu amigo pulava para fora do buraco e tentava correr para a árvore, mas se deparava com o boi bravo, sendo forçado a pular de volta para dentro da vala. Finalmente, o garoto da árvore gritou: "É só ficar no buraco até o boi se cansar e ir embora!" O menino escondido no buraco respondeu: "Não posso. Tem um urso aqui!" O pobre garoto tinha dois problemas: um urso na toca e um boi bravo no pasto. Aqueles que rejeitam a inspiração da Bíblia também enfrentam dois problemas. A negação da exatidão da mensagem de Deus nos deixa tateando em desespero ou dependendo inteiramente das meras conclusões subjetivas do homem. As duas situações são desconfortáveis. Sem a árvore da ins-

piração, não temos esperança.

Todo ensino religioso deve ser medido pela régua da revelação divina, a Palavra. Até o ensino de Paulo foi avaliado pelos bereianos. Lucas disse: “Ora, estes de Bereia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim” (Atos 17:11). Submeta todos os ensinamentos religiosos apresentados a você passem a esse teste da inspiração!

Conclusão. Embora o teste de João não cubra todas as áreas sobre as quais o mestre religioso deve ser testado, ele cobre duas áreas importantes. Vamos exigir que todos os ensinamentos religiosos passem pelos testes da encarnação e da inspiração.

Os mestres religiosos ocupam um papel muito significativo e de longo alcance. O professor secular ensina para a vida, mas o professor religioso ensina para a vida, morte e eternidade.

Primeiro Reis 13 registra a lamentável história do profeta que foi enganado. Certo profeta foi a Betel para profetizar a respeito do altar ali erigido. Ele havia sido instruído pelo Senhor a retornar de sua missão de uma maneira diferente evitando fazer paradas para comer ou se hospedar. Ao iniciar sua viagem de volta, um velho profeta de Betel o alcançou, convidando-o para sua casa com as palavras: “Também eu sou profeta como tu, e um anjo me falou por ordem do SENHOR, dizendo: Faze-o voltar contigo a tua casa, para que coma pão e beba água” (1 Reis 13:18). Não sabemos por que o velho profeta mentiu. Só sabemos que o profeta de Judá foi enganado pelo que o outro disse. Por causa de sua desobediência, o profeta de Judá foi morto mais tarde por um leão.

Esta é uma história triste e comovente, mas a tragédia poderia ter sido evitada se ele tivesse submetido as palavras do velho profeta ao teste da inspiração. Ele sabia o que Deus havia dito. Uma rápida comparação da instrução divina com as palavras do enganador revelaria que o velho profeta estava errado e não deveria ser seguido.

A vida e a eternidade são sérias demais para sermos desencaminhados por alguém que é imprudente com a Palavra de Deus. É hora de honrarmos a Deus honrando a sua Palavra.

Eddie Cloer

“Aquele que está em vós” (4:1-6)

A maioria das pessoas já fez alguma promessa

séria a Deus em diferentes fases da vida. Podemos ter orado no passado: “Deus, se me tirares desta situação, entregarei a ti a minha vida”. Se já entregamos nossas vidas a Deus, já nos comprometemos a viver para ele, dedicando-nos a ele. Cumprir um compromisso sempre é muito mais difícil do que anuciá-lo.

Qual é a maior promessa que Deus nos fez? Pedro nos disse que Deus nos deu grandes e preciosas promessas para que, por meio delas,せjamos participantes da natureza divina, escapando da corrupção que há no mundo. O maior presente já dado foi o Filho unigênito de Deus. Por meio dele, podemos ser salvos de nossos pecados e nos acertar com Deus agora e para sempre. Outra grande promessa de Deus foi a de nos dar o Espírito Santo para habitar em nós, para nos ajudar em nossas fraquezas, nos fortalecer, nos guiar e nos fazer frutificar assim que nos tornarmos seguidores de Deus.

João terminou o terceiro capítulo desta carta com estas palavras: “E aquele que guarda os seus [de Deus] mandamentos permanece em Deus, e Deus, nele. E nisto conhecemos que ele permanece em nós, pelo Espírito que nos deu” (3:24). Paulo enfatizou isso em Romanos 8, ao descrever as enormes bênçãos que Deus dá aos seus filhos. A promessa do Espírito Santo de viver em nós e nos abençoar como filhos de Deus é maravilhosa.

Antes de João escrever esta carta, alguns haviam saído da igreja porque decidiram não crer que Jesus de fato veio em carne. Tentaram arrastar consigo o maior número possível de fieis e provavelmente alegaram que era o Espírito que os estava levando a tomar essa decisão. À luz desse ensino, João mostrou três atitudes que os cristãos devem tomar em relação aos espíritos enganadores.

Devemos testar os espíritos (4:1). João nos adverte claramente. O fato de haver um espírito tentando nos guiar numa direção não significa que estamos sendo guiados pelo Espírito Santo de Deus. Uma vez que somos abençoados com o Espírito Santo, temos a obrigação de “provar os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora” (4:1). Sempre houve falsos profetas, falsos mestres e falsos pregadores se esforçando ao máximo para desviar as pessoas daquilo que Deus quer que façam. No livro de Atos, muitos desses falsos mestres eram judeus tentando convencer cristãos gentios a provar que eram verdadeiros cristãos sendo circuncidados e obe-

decendo à lei do Antigo Testamento. Em Gálatas 1:6-9, Paulo disse que eles estavam pervertendo as pessoas da graça de Cristo para outro evangelho que não era um evangelho. Ele disse: “Mas, ainda que nós ou mesmo um anjo vindo do céu vos pregue evangelho que vá além do que vos temos pregado, seja anátema [‘amaldiçoado’]” (Gálatas 1:8). Primeira João evidencia que esse espírito e seus seguidores estavam ensinando que a Antiga Lei ainda estava em vigor. Esse ensino contradizia o que Paulo havia dito: que a lei cumpriu seu propósito ao nos levar a Cristo e que já não estamos debaixo dela.

Como podemos testar os espíritos que nos apresentam falsos ensinamentos? João disse que podemos reconhecer que “todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus” (4:2), e “todo espírito que não confessa a Jesus... é o espírito do anticristo” (4:3). Essa foi uma questão que levou muitos a deixar a igreja naquela circunstância. As palavras de João ilustram que a verdade sobre Jesus é absolutamente necessária para que estejamos certos sobre Deus e com Jesus. Em João 8:24b, Jesus disse: “porque, se não crerdes que eu sou, morrereis nos vossos pecados”. Devemos crer tanto na plena humanidade de Jesus quanto em sua plena divindade para estarmos bem com Deus. No entanto, sempre haverá falsos mestres no mundo tentando nos convencer de que não é necessário crer em nenhum dos lados da equação para estar bem com Deus.

Devemos reconhecer que temos o Espírito de Deus (4:4). A promessa feita em 4:4 diz respeito a como ter certeza de que temos em nós o Espírito de Cristo, e não algum outro. “Filhinhos, vós sois de Deus e tendes vencido os falsos profetas, porque maior é aquele que está em vós do que aquele que está no mundo”. João falava especialmente aos que o ajudaram a propagar a mensagem do evangelho.

O primeiro argumento que o apóstolo apresentou aos seus irmãos foi que eles eram de Deus e tinham vencido os que abandonaram a causa de Cristo e começaram a ensinar falsas ideias sobre o que significa estar bem com Deus. Muitos membros haviam saído da igreja acompanhando os anticristos, os quais agora se empenhavam a arrastar outros tantos para se juntarem a eles nessa desbandada. Quando o número de membros da igreja diminui, seja por abandono total da fé, seja por queda na frequência às reuniões, é fácil sermos tomados por desânimo e a sensação de que estamos

fracos devido às perdas. João desafiou essa mentalidade. Seu primeiro argumento foi que eles eram “filhinhos”, ou seja, filhos queridos e que haviam vencido os anticristos. Talvez mais irmãos tivessem saído do que ficado. João não estava pensando em números, no entanto. Não importa quantos existam no mundo ensinando ideias erradas e lutando em favor do diabo (mesmo que pensem que estão lutando por Deus), João queria que soubéssemos que, quando nos firmarmos na verdade, vencemos porque aquele que está em nós é maior do que aquele que está no mundo.

Quando temos o Espírito Santo de Deus em nós, estamos agindo e ensinando com base na mensagem e no poder de Deus. Não há poder que resista ao Senhor, tantas vezes na vida pareça que o mal e o diabo estão vencendo (veja Romanos 8:31-39).

Como filhos de Deus, sempre seremos confrontados com aqueles que falam do ponto de vista do mundo. Muitas vezes, a mensagem que proclamam não só contradiz a mensagem de Cristo, como também ataca os seguidores de Cristo. Assim como odiaram Jesus, muitas vezes odeiam seus seguidores pelas mesmas razões. Odeiam os que se posicionam contra seus pensamentos.

Devemos dar ouvido aos mestres inspirados (4:6). Chegamos agora a outra declaração de João sobre como reconhecemos o Espírito da verdade e o espírito do erro. Sempre há conflito entre o Espírito Santo, que temos em nós por sermos filhos de Deus, e o espírito do erro. Às vezes é difícil reconhecer a diferença, pois Satanás é extremamente astuto e, muitas vezes, faz imitações do que é de Deus parecerem muito convincentes. João disse que a maneira de reconhecer o Espírito de Deus é que “nós somos de Deus; aquele que conhece a Deus nos ouve; aquele que não é da parte de Deus não nos ouve” (1 João 4:6). Neste contexto “nós” se refere aos instrutores inspirados por Deus, incluindo os apóstolos de Cristo. A exemplo de Paulo, que declarou: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Timóteo 3:16, 17).

Conclusão. Aquele que está em nós é maior do que aquele que está no mundo. Não estamos sozinhos. Graças a Deus que, depois de ascender ao Pai, Jesus enviou o Espírito Santo para estar conosco o tempo todo. Por meio dele, Deus Pai e Cristo

Filho também habitam em nós.

Vivemos num mundo onde o diabo está sempre atrás de nós. No entanto, nunca estamos sozinhos e temos o maior poder de todos para nos ajudar. Às vezes ouço falarem de alguém que cometeu um crime horrível e escapou do castigo do mundo, ou se matou em vez de enfrentar em julgamento as pessoas que feriu. Uma coisa é certa: quando um cristão morre, a mais incrível e inimaginável recompensa em glória o aguarda. Quando, porém, morre um perverso, um assassino ou um criminoso na tentativa de escapar do que fez nesta vida, o que o aguarda é a eternidade no inferno, a pior de todas as punições concebíveis.

Deus é digno de toda confiança e jamais estaremos sozinhos.

Leon Barnes

Deus é Amor (4:7-21)

Imagine que lhe pedissem para descrever alguém que você conhece bem usando uma só palavra. Qual seria a palavra que você escolheria para descrever essa pessoa? Talvez você contestasse: "Ah, isso é impossível. Não consigo descrever uma pessoa que tem tantas qualidades com uma única palavra". Agora, imagine ouvir: "Vamos tornar isto um pouco mais desafiador. Se você tivesse que descrever Deus em uma palavra, qual seria essa palavra?" A realidade é que existem muitas palavras apropriadas para descrever Deus, mas que não abrangem a totalidade do seu caráter e natureza. Poderíamos dizer que Deus é "graça", e isso seria verdade. Poderíamos dizer que Deus é "luz", o que João disse anteriormente neste livro. Que dizer de palavras como "justo", "reto", "poderoso" ou "verdadeiro"? O Evangelho de João afirma que "Deus é espírito", descrevendo a natureza divina como um ser espiritual e argumenta que, por conta disso, devemos adorá-lo em espírito e em verdade (4:24). Provavelmente, a melhor palavra para descrever Deus seria a que João empregou em 1 João 4:7-21: "Deus é amor".

Amamos porque o amor procede de Deus (4:7, 8). João expôs muitas verdades neste trecho, todas ligadas ao fato de que Deus é amor e a fonte do amor. No entanto, três verdades principais se destacam nesta passagem. Mais uma vez, o apóstolo começou com o vocativo "amados": "Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor" (4:7, 8).

Deus manifestou o seu amor entre nós enviando o seu Filho unigênito ao mundo para vivermos por meio dele. O amor não começou com a nossa iniciativa de amar a Deus, e sim com Deus nos amando e enviando o seu Filho como sacrifício expiatório por nossos pecados. Um dos grandes conceitos da Bíblia é a expiação. Toda vez que um judeu ia ao tabernáculo ou templo no Dia da Expiação, ele oferecia um cordeiro como sacrifício expiatório por seus pecados. Em vez de dar a própria vida por seus pecados, ele oferecia o animal. No entanto, esse animal tinha de ser oferecido todos os anos para manter ativo o processo de expiação. Baseado nesse fato, o escritor de Hebreus disse que o sangue de touros e bodes não pode tirar nossos pecados (10:4), do contrário, não seria necessário oferecê-los vez após vez.

A expiação contém a ideia de substituição. Jesus levou sobre si os nossos pecados como o Filho inocente de Deus e pagou o preço como se fosse culpado. O mais surpreendente é que, para os que creem no Filho, isto lhes é imputado para justiça.

"Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado" (1 João 4:11, 12). Algumas pessoas têm dificuldade para amar a Deus porque não conseguem compreender por que ele fez certas coisas no período do Antigo Testamento, ou outras coisas a ele atribuídas hoje. Por exemplo, quando Deus enviou os filhos de Israel para a Terra Prometida, ele ordenou que destruíssem as sete nações que ali viviam. Um fato muitas vezes ignorado é que Deus deixou Israel permanecer na escravidão egípcia por quatrocentos anos, até os pecados dessas nações chegarem a ponto de todas precisarem ser destruídas. Deus sempre esperou longos períodos, para israelitas e nações ao seu redor, até atacar ou fazer aplicar algum castigo contra as nações. Um dos pontos mais poderosos da Bíblia foi quando Nínive, a capital da Assíria, tornou-se tão perversa, brutal e ímpia que Deus enviou o profeta Jonas para pregar a seus habitantes que ele os destruiria em quarenta dias. Jonas provavelmente foi o pregador menos entusiasmado que já partiu para outras regiões. Ele não queria que os ninivitas se arrependessem nem que sobrevivessem. No entanto, quando ele cruzou a cidade de ponta a ponta, avisando que Deus os destruiria em quarenta

dias por causa de seu pecado, eles se arrependeram, e Deus desistiu do plano de destruí-los – para desgosto de Jonas.

O verdadeiro teste do nosso amor por Deus é como amamos os outros. Se amamos uns aos outros, o amor de Deus se completa em nós. Não é à toa que, segundo Jesus, o segundo maior mandamento é amar ao próximo como a nós mesmos (Marcos 12:31). O mandamento de Jesus é para amarmos uns aos outros como discípulos dele assim como ele nos ama, ou seja, com um amor que jamais acaba.

Anamos porque Deus vive em nós (4:16–18). Em 1 João 4:16, João novamente declarou: “Deus é amor”. Quando vivemos em amor, Deus vive em nós e nós vivemos nele. “Nisto se aperfeiçoa o amor conosco, para que tenhamos confiança no dia do juízo; porque como Ele é, assim também somos nós neste mundo” (4:17). Todos que amam a Deus e estão se esforçando para viver como Jesus no mundo não precisam temer o julgamento. Devem olhar para o futuro com confiança.

Temos medo de uma prova, quando temos certeza de que estudamos bem o assunto? A história muda quando sabemos que não estudamos e não temos a menor ideia de como responder as questões. Nesse caso, uma ideia maluca nos sobrevém: se assinalarmos a primeira opção de resposta para todas as perguntas de múltipla escolha, certamente acertaremos algumas delas. Quando pensamos no nosso Deus de amor e graça e no nosso compromisso de viver para ele e ser como Jesus, qual deve ser a nossa confiança em relação ao juízo final? Devemos esperar ouvir do Senhor: “Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco; eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor” (Mateus 25:23; NVI).

João escreveu: “No amor não existe medo; antes, o perfeito amor lança fora o medo. Ora, o medo produz tormento; logo, aquele que teme não é aperfeiçoado no amor” (1 João 4:18). Quando um marido e sua esposa estão verdadeiramente apaixonados um pelo outro, não há lugar para medo no relacionamento. Um jamais se aproveitará do outro, se ali houver amor verdadeiro. Quando um cônjuge trata mal o outro – física, emocional ou mentalmente – e afirma ter amor pelo outro, está mentindo. O amor não produz medo.

Quando amamos a Deus e sabemos que Deus nos ama, não há lugar para ter medo dele. Há um

sentimento de temor e reverência por absoluto respeito a Deus. Nesse mesmo sentido, um filho pode amar os pais e ainda ter temor ou reverência a eles, sabendo que o disciplinarão quando fizer algo errado. Amar implica confiar um no outro e tratar um ao outro da maneira certa. O perfeito e maduro amor por Deus nos deixa sem medo de comparecer perante ele no juízo final. Pelo contrário, ansiamos pela presença do Senhor em nossas vidas.

Nós amamos porque ele nos amou primeiro (4:20b, 21). Se afirmamos que amamos a Deus, mas odiamos um irmão ou irmã, estamos mentindo para nós mesmos e para Deus. Um irmão ou irmã em Cristo, não raro, fará algo que detestamos. Pode ser muito fácil evoluirmos do estágio de odiar o ato da pessoa ou grupo para odiar a pessoa ou grupo em si. E se Deus mudasse do amor para o ódio por nós toda vez que pecássemos? Em que tipo de situação estaríamos? Por mais difícil que seja, devemos separar os atos de que não gostamos das pessoas que amamos e devemos continuar a amá-las, apesar do que não gostamos em suas ações. Primeira João 4:20b e 21 diz: “Aquele que não ama a seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê. Ora, temos, da parte dele, este mandamento: que aquele que ama a Deus ame também a seu irmão”.

Quem são nossos irmãos ou irmãs em Cristo? Não são somente os que participam dos cultos conosco todos os domingos. Pode ser um desafio amar apenas essas pessoas; porém nossos irmãos e irmãs em Cristo também são todos ao redor do mundo que, por fé em Cristo, se voltaram para ele em arrependimento e foram batizados em obediência à sua vontade.

Conclusão. Deus é amor. Se quisermos ser filhos de Deus, temos de desenvolver pelos outros o mesmo amor que Deus tem por nós. Nunca atingiremos a perfeição do amor de Deus nesta vida. No entanto, devemos crescer no amor – também pelos que não são amáveis – o tempo todo. Esse amor nos dará uma sensação de bravura para que nem mesmo a ideia de julgamento gere medo em nós. Precisamos orar constantemente por nós mesmos e por todos os nossos irmãos e irmãs em Cristo para que nos tornemos muito mais conhecidos pelo amor que não se limita às pessoas com quem concordamos. A família, especialmente a família de Deus, é grande e extremamente importante.

Leon Barnes

Autor: Duane Warden

© A Verdade para Hoje, 2023

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS